

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS
2021**



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



EDITORA
ARTEMIS

2021

Editora Artemis

Curitiba-PR Brasil

www.editoraartemis.com.br

e-mail: publicar@editoraartemis.com.br

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1..... 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2..... 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3.....25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 438

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5.....53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 662

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISMO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

CAPÍTULO 13	151
LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA	
Saúl Mauricio Niveyro Linares	
DOI 10.37572/EdArt_29012127913	
CAPÍTULO 14	165
NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS	
Maria do Céu Caetano	
DOI 10.37572/EdArt_29012127914	
CAPÍTULO 15	175
APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vera Vasilévski	
DOI 10.37572/EdArt_29012127915	
CAPÍTULO 16	192
UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA	
Bruna Moreira de Souza	
DOI 10.37572/EdArt_29012127916	
CAPÍTULO 17	205
DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA	
Lícia Maria Bahia Heine	
DOI 10.37572/EdArt_29012127917	
CAPÍTULO 18	225
ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i>	
Ivonete da Silva Santos	
Maria Helena de Paula	
DOI 10.37572/EdArt_29012127918	
CAPÍTULO 19	240
PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA	
Magno Santos Batista	
DOI 10.37572/EdArt_29012127919	

CAPÍTULO 20	253
NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX	
Luma Pinheiro Dias	
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz	
DOI 10.37572/EdArt_29012127920	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	264
ÍNDICE REMISSIVO	265

CAPÍTULO 9

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

Data de submissão: 20/12/2020

Data de aceite: 04/01/2021

Geane Cássia Alves Sena

Faculdade Santo Agostinho-Fasa

Montes Claros-MG

<http://lattes.cnpq.br/7451941414942106>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal discutir sobre a linguagem, classificação e construção dos gêneros textuais radiofônicos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e exploratória com base em autores que discutem, principalmente, sobre os gêneros orais-radiofônicos, como Consani (2007) e Barbosa Filho (2009). Após a realização desta pesquisa, foi possível perceber que, por apresentar um estilo “oral-auditivo”, o texto veiculado através das ondas do rádio se organiza de maneira bastante diferente dos textos impressos, pois é construído para ser falado e tem apenas uma chance de ser ouvido. Por isso, possui uma linguagem bem peculiar para alcançar o seu ouvinte.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros Textuais Radiofônicos. Linguagem. Classificação e Construção.

ABSTRACT: The main objective of this article is to discuss the language, classification and construction of radio textual genres. To this text, a bibliographical and exploratory research was carried out based on authors who discuss, mainly, about oral-radiophonic genres, such as Consani (2007) and Barbosa Filho (2009). After conducting this research, it was possible to perceive that, for presenting an “oral-auditory” style, the text conveyed through the radio waves is organized quite differently from the printed texts, as it is built to be spoken and has only a chance to be heard. Therefore, it has a very peculiar language to reach its listener.

KEYWORDS: Radio Textual Genres. Language. Classification and construction.

1. INTRODUÇÃO

O rádio é uma mídia que agrega uma diversidade de gêneros textuais, com uma variedade de formatos, com objetivos diferentes, direcionados a um público diversificado e que se constitui como um eficaz meio de comunicação, interação e construção de conhecimentos. Devido a suas características, como dinamicidade, rapidez, baixo custo, simplicidade e, principalmente,

mobilidade, alcança um grande número de ouvintes. Desde a criação do transistor, o rádio apresenta uma grande mobilidade, podendo, assim, ser ouvido em diversos lugares, como no carro, no trabalho, no shopping, etc.

Quando comparado a outros veículos de comunicação, o rádio torna-se bastante peculiar devido ao seu estilo “oral-auditivo”. Pois os textos veiculados durante as transmissões radiofônicas são construídos para serem falados e ouvidos e, conseqüentemente, alcançar a compreensão do ouvinte que terá apenas uma chance de ouvir a mensagem veiculada. Diferentemente dos textos impressos que podem ser “revisitados” pelo leitor inúmeras vezes, já que estão diante dele, em suas mãos.

Lembramos que o texto radiofônico, mesmo que construído previamente, ao ser veiculado durante a programação do rádio, conta com vários recursos dos quais o locutor “lança mão” para alcançar o seu ouvinte, como improviso, ritmo, pausas, sons complementares, voz humana, entonação, dentre outros, os quais o tornam bastante singular.

A seguir, discutiremos sobre a linguagem e a estrutura utilizada para a construção dos textos radiofônicos que são tão peculiares e próprias a essa mídia.

2. TEXTOS ORAIS RADIOFÔNICOS: LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO

Na sociedade circula uma diversidade de textos tanto na modalidade oral quanto escrita, como panfletos, receitas culinárias, bulas de medicamentos, jingles, propagandas, etc., os quais são veiculados por variados meios de comunicação, como através de jornais impressos, da televisão e pelo rádio.

Em relação aos textos veiculados pelo rádio, verificamos que possuem um estilo bastante peculiar, denominado oral-auditivo, por serem redigidos para serem falados e alcançar a compreensão do ouvinte que tem apenas uma chance de ouvir a mensagem transmitida, já que não há possibilidades de repeti-la devido, principalmente, à rapidez, instantaneidade e dinamicidade- características próprias do rádio. Mas, para que o texto veiculado pelo rádio seja eficaz, é necessário seguir algumas normas inerentes a esse veículo de comunicação.

2.1 A linguagem do rádio

Para atingir o ouvinte e tornar a comunicação efetiva, a linguagem radiofônica deve levá-lo a criar imagens mentais. Sendo que “‘Uma imagem vale por mil palavras’ [...] E o rádio realmente usa as ‘mil palavras’ para criar cada imagem, que vão permitir que se criem muito mais do que mil imagens mentais” (ORTRIWANO, 1985, p. 81). As

imagens mentais se constroem a partir dos seguintes elementos: da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio (cf. MUÑOZ; GIL, 1990, p. 21). Esses elementos, combinados entre si de inúmeras maneiras ou isolados, contribuem significativamente para a construção da mensagem como um todo (cf. FERRARETO, 2001), lembrando que “A voz trabalha no campo da consciência, e os demais elementos, no inconsciente do ouvinte” (GOMEZ, 2007, p. 29).

Pelo fato de ser um veículo de comunicação essencialmente sonoro, o rádio precisa levar o ouvinte a “enxergar com o ouvido” as informações veiculadas, uma vez que o texto radiofônico é direcionado ao ouvido e não aos olhos do ouvinte. Desse modo, o rádio pode ser considerado como uma “mídia cega” (cf. Merayio Pérez 1992: 20), já que as possibilidades de comunicação se apoiam na capacidade de ativar a criação de imagens mentais da realidade física através do som ouvido.

De acordo com Salinas (1994), a complexidade da programação radiofônica se encontra no som. Mas, apesar desta complexidade, ainda são poucos os estudos realmente consistes que consigam abarcar a diversidade da programação radiofônica e ao mesmo tempo a sua simplicidade.

Diferentemente dos outros meios de comunicação de massa,

O rádio é o único meio de comunicação de massa que se utiliza apenas do som em sua expressão. O rádio possui a exclusividade da magia sagrada do som. Atribui-se seu poder justamente à ausência da imagem, poder este que reside na sua capacidade de criar imagens mentais que correspondem ao som. (SALINAS, 1940: 26)

Por isso, a linguagem do rádio deve ser simples, clara, objetiva, expressiva, ao alcance do ouvinte; de forma que não exija muito esforço para que seja compreendida. Pois

Exigir demais do ouvinte não é objetivo do trabalho radiofônico. Isso porque o ouvinte só é capaz de receber frações de construções complexas, o que é freqüentemente esquecido. As frases complexas são uma barreira à informação oral (muito mais que à escrita): o locutor lê uma frase de sete linhas em 15-20 segundos; assim, sobra muito pouco tempo para que o ouvinte possa assimilar as informações imediata e totalmente (o ouvinte não pode “reler” as frases; passa, sim, para as informações seguintes). (CABELLO, 1994, p.146, grifo do autor)

Além disso, a maioria dos ouvintes não consegue compreender uma linguagem mais complexa. Na verdade, “Um ouvinte atencioso e concentrado, que entenda uma linguagem mais elaborada e, ao mesmo tempo, mais exata, constitui a minoria” (CABELLO, 1994, p. 146). O rádio, ainda, tem que concorrer com diversos estímulos ao redor do ouvinte que podem dispersá-lo durante a recepção da mensagem, como “o ronco” dos motores de veículos que trafegam nas ruas, sirenes, conversas paralelas, entre outros. Por isso,

A linguagem radiofônica deve se aproximar ao máximo dos seus ouvintes [...]. Como a mensagem radiofônica é transmitida somente pela voz, e ouvir rádio é um ato que em geral está acompanhado de outras atividades, a comunicação tem que usar de artifícios sonoros e dramatizados para prender a atenção do ouvinte [...]. (GOMEZ, 2007, p. 31)

O texto radiofônico consegue atingir um grande número de ouvintes simultaneamente, de forma coletiva e, ao mesmo tempo, individual, em lugares diversos, com opiniões, comportamentos, crenças e gostos bastante distintos e, mesmo assim, se fazer compreender. Através do rádio, “As pessoas podem receber suas mensagens sozinhas, em qualquer lugar que estejam” (ORTRIWANO, 1985, p. 81). Isso

faz com que o emissor possa falar para toda a sua audiência, como se estivesse falando para cada um em particular, dirigindo-se diretamente àquele ouvinte específico. A mensagem oral se presta muito bem para a comunicação “intimista”. É como se o rádio estivesse “contando” para cada um em particular. Ao mesmo tempo, a atividade “de ouvir” não exclui a possibilidade de desenvolver outras tarefas como ler, dirigir, trabalhar, etc. O rádio se adapta muito bem ao papel de “pano de fundo” em qualquer ambiente, despertando a atenção quando a mensagem apresentada é de interesse mais específico do ouvinte. (ORTRIWANO, 1985, p. 81)

Pelo fato do rádio permitir ao ouvinte desenvolver outras atividades enquanto escuta as transmissões radiofônicas, precisa despertar constantemente o interesse e manter a atenção do ouvinte, o que não é uma tarefa fácil, uma vez que os textos radiofônicos contam apenas com os recursos próprios desse meio para alcançar o ouvinte. Comparado a outros meios de comunicação, o rádio “é o meio mais fugidio de expressão da linguagem, seu texto dirige-se ao ouvido. Assim, só pode contar com o som, com seus recursos próprios (verbais e não-verbais)” para atingir o ouvinte (CABELLO, 1994, p. 146).

Apesar de ser direcionado ao ouvido, o texto radiofônico não se apoia somente na oralidade e na audição, mas conta também com a língua escrita, já que se apoia num texto construído previamente para ser falado e ouvido (cf. CABELLO, 1994, p. 4). Isso se dá pelo fato do texto radiofônico não poder ter como base o improvisado. Cabello (1994, p. 146) comenta que “talvez esteja aí a grande dificuldade em se redigir adequadamente uma notícia para o rádio”.

Segundo Muñoz e Gil (1990, p. 21), o rádio é considerado por alguns como um meio que não possui uma linguagem exclusiva. Mas, se possuísse uma linguagem específica,

Contrariaria a essência mesma da linguagem, que não é outra senão comunicar, interagir. Na verdade, o rádio tem sua especificidade por apresentar um sistema de códigos compartilhados (códigos conceptuais e códigos físicos, sonoros) sem perder sua identidade. Assim [...], a linguagem radiofônica é o conjunto de elementos sonoros que se difundem tanto para produzir estímulos sensoriais estéticos ou intelectuais, como para criar imagens. (CABELLO, 1994, p. 147)

Sendo assim, é importante que o texto radiofônico seja redigido com certa cautela em termos de escolha de palavras e de vocabulário para que a mensagem veiculada alcance a compreensão do ouvinte. Dessa forma, o produtor do texto radiofônico não deve exagerar, por exemplo, no rebuscamento e complexidade do texto, no excesso de estrangeirismos, gírias e coloquialismos.

Para redigir um texto radiofônico é importante que o redator detenha habilidades para construir um texto escrito para ser falado e ouvido e não apenas conheça regras gramaticais e sintáticas. Assim, é preciso que saiba que “a construção do texto radiofônico exige, além de certa dose de correção gramatical, adequação técnico-lingüística concernente à estrutura do veículo rádio” (CABELLO, 1995, p. 145). Abaixo, discorreremos mais detalhadamente sobre essa construção do texto radiofônico.

2.2 A construção do texto radiofônico

O texto radiofônico, devido às peculiaridades do meio, exige uma estruturação própria para conseguir atingir o ouvinte. Por se tratar de um texto bastante peculiar, exige uma estrutura diversificada de textos veiculados por outros meios de comunicação, uma vez que “fala ao ouvido” e não pode ser repetido para aqueles ouvintes que não conseguiram acompanhar ou, até mesmo, compreender alguma das informações apresentadas. No jornalismo impresso, por exemplo:

o leitor, tendo literalmente o texto em suas mãos, pode ler rápida ou lentamente, superficial ou detidamente, e pode, até mesmo, analisar a interação texto-fotografia /ilustração.

Na televisão, o telespectador, perante a fusão de imagem e som, vê facilitada a decodificação da mensagem noticiosa. (CABELLO, 1995, p. 145)

Assim, a construção do texto radiofônico requer a utilização de um estilo próprio- oral /auditivo- alcançado a partir da observação de algumas características específicas do rádio, referentes às seguintes condições: tempo, dinâmica, melodia, sons complementares, voz, articulação e linguagem (cf. CABELLO, 1995, p. 146).

Ainda, para a boa elaboração de um texto radiofônico, é importante que o redator leve em consideração duas normas: a técnico-lingüística e a lingüístico-gramatical. Pois o texto veiculado pelo rádio ora se apoia em questões mais técnicas, ou seja, técnico-lingüísticas, ora na escrita do texto, isto é, na normatividade lingüístico-gramatical.

Seguem algumas considerações relevantes sobre as normas técnico-lingüísticas inerentes à construção do texto radiofônico, de acordo com Cabello (1995, p. 146):

a) *O uso de caixa alta (ou letras maiúsculas):* é aconselhável, em determinadas empresas de radiodifusão, para iniciar nomes próprios de pessoas, em algumas outras emissoras é recomendada para a redação de todo o texto.

- b) *A utilização de barras simples (/) e compostas (//), além da pontuação normativa: as barras simples são usadas por algumas emissoras para indicar pausa breve na locução ou o encerramento de cada período do texto; já as barras longas são utilizadas para indicar pausa longa na locução ou o fim do texto.*
- c) *O uso do recurso sublinhar em algumas expressões: é aconselhável utilizar o recurso sublinhar quando no texto aparecerem expressões que provoquem risos ou mais complicadas para alertar o locutor.*
- d) *A utilização de siglas: só devem ser utilizadas aquelas siglas mais usuais, caso sejam desconhecidas, devem ser escritas por extenso, sendo que após cada uma das letras que compõem a sigla deve aparecer um ponto para separá-las (C.P. I), a menos que deva ser pronunciada como se fosse uma palavra, como a sigla PIB.*
- e) *A escrita por extenso de numerais: devem ser escritos por extenso os numerais cardinais de “zero” a “nove”; além dos que repetem o mesmo numeral “trinta e três”, por exemplo, aqueles em que o locutor precisa ter certeza do número de zeros (150.000,00) e os numerais de forma mista (vinte e cinco mil 547) para não atrapalhar a locução. Ainda, devem ser redigidos por extenso os numerais ordinais (quinto, sétimo), os numerais que variam de gênero (uma casa), o nome de meses (março, abril) e os numerais que indicam dinheiro (dez mil reais), pesos (quinhentos gramas), fração (dois oitavos), medidas (dez mil hectares), percentuais (quinze por cento) e numerais com vírgula (sete ponto três). Quanto aos números de telefone, podem ser escritos por extenso ou com espaços (99-69-26-95).*
- f) *O uso de artigos: é recomendável nos textos veiculados pelo rádio para evitar a monotonia da telegrafia.*
- g) *A apresentação de informações importantes para a compreensão do ouvinte: o cargo antes do nome da pessoa que o ocupa, o cargo político seguido do partido e do nome da pessoa que o ocupa, da instituição, como, por exemplo, a que desenvolveu a pesquisa, apresentou os dados, etc. e o nome da instituição de maneira simplificada.*

Quanto à normatização linguístico-gramatical, para maior eficácia do texto radiofônico, é necessário que o seu produtor leve em consideração alguns fatores pertinentes a esta normatividade. São eles:

- a) construção estilística;
- b) sobriedade;
- c) objetividade;
- d) simplicidade;
- e) concisão;
- f) repetição e
- g) acréscimos estimuladores.

Como explica Cabello (1995, p. 149), em se tratando da estilística, o locutor¹ tem uma grande parcela de responsabilidade na manutenção do interesse e da atenção do ouvinte durante a transmissão da mensagem. Um bom locutor é capaz até mesmo de tornar partes complexas da informação mais fáceis de compreender. Já a sobriedade é necessária

¹ Deriva da palavra latina *locutare* e significa “aquele que fala”. Porém, mais do que falar, o locutor informa, interpreta, convence, dá ritmo, movimento e sentido ao texto.

por favorecer “a escolha adequada de palavras e expressões que não sejam chulas, irônicas ou pejorativas [...]. É, ainda, considerar a ética, para não levar a multidão a ações perigosas, já que o rádio exerce grande poder de influência [...]” (CABELLO, 1995, p.149).

A objetividade contribui para que o texto seja mais bem compreendido e memorizado pelo ouvinte. Enquanto que a simplicidade corresponde à utilização de palavras conhecidas pelo ouvinte ou na explicação de termos técnicos por ele desconhecidos. Na verdade, “o uso de um vocabulário conhecido é mais indicado, por isso, há certas restrições ao uso de estrangeirismos, quando ainda não estiverem na fase de peregrinismo; e de adjetivos, quando forem dispensáveis” (CABELLO, 1995, p. 149). Diante disso, é importante lembrar que a clareza e o entendimento do texto estão diretamente relacionados com a interação existente entre o ouvinte e o texto. Sendo assim, “A complexidade da produção textual cresce, no entanto, à medida *que textos fáceis demais não despertam o interesse e não prendem a atenção*” (CABELLO, 1995, p. 149).

A concisão corresponde a “enxugar o texto”, ou seja, à redução de informações consideradas superficiais, sendo selecionadas apenas aquelas consideradas essenciais. Também “é recomendável a seleção de termos curtos e frases curtas, por concorrerem para o entendimento e a lembrança. Para quebrar a monotonia das frases curtas, a combinação de frases curtas e longas pode ser utilizada” (CABELLO, 1995, p.149).

Por fim, a repetição de termos dentro do texto radiofônico é bastante importante por possibilitar ao ouvinte resgatar informações importantes apresentadas no decorrer da mensagem. Isso se torna possível através da reiteração de uma palavra, de uma sigla, um nome, etc., “Trata-se, pois, do uso de uma sinonímia, de variação léxica” (CABELLO, 1995, p. 149). E, os acréscimos estimuladores que podem ocorrer a partir da utilização de diversos elementos de informação, isso requer um trabalho sonoplástico adequadamente correlacionado ao texto.

Segundo Kopplin e Ferraretto (1992), existem mais alguns fatores que fazem parte da normatividade linguístico-gramatical, os quais concorrem para a maior eficiência – no nível da emissão e da recepção – do texto radiofônico (cf. CABELLO, 199, p. 146). Esses teóricos apresentam, assim, o que é recomendável e o que não é recomendável na construção dos textos veiculados pelo rádio.

Não é recomendável:

- (1) o uso de pronomes possessivos, por haver a identificação imediata do ouvinte com notícias do tipo: “.../ roubaram *seu caro*.”;
- (2) o uso de frases negativas, por confundirem o ouvinte e, assim, pairar uma dúvida sobre a informação;
- (3) o uso de orações intercaladas, por quebrarem o ritmo da frase e por poderem provocar um texto longo, contrariando, pois, a síntese noticiosa;
- (4) o uso de termos como “ontem”, “manter”, “permanecer” e “continuar”, por

diminuïrem o impacto da notícia, uma vez que denotam que não há nada de novo [...]; (5) o uso de forma verbal no pretérito mais-que-perfeito, por carregar a idéia do condicional; (6) o uso de forma verbal no gerúndio (por exemplo, na construção “*Sofrendo* pressão do Governador, os professores voltaram às aulas”, o gerúndio atenua o impacto da notícia; com isso, a forma presente, até por dar atualidade à notícia, torna-se mais indicada: “Os professores *sofrem* pressão do governo e *voltam* às aulas.”; (7) o uso de forma verbal no futuro, exceto quando indispensável e, em vez do futuro simples, deve ser usado o futuro composto, por ser mais coloquial. (CABELLO, 1995, p.150)

No entanto, é recomendável:

(1) o uso da ordem direta da oração, por ser uma construção mais simples; (2) o uso da voz ativa, uma vez que a voz passiva diminui o impacto da notícia por deslocar o foco de interesse do quem para o quê; (3) o uso do maior número possível de verbos, de preferência, verbos ativos, por facilitarem o entendimento; (4) o uso de verbos dicend/adequados, do tipo: “afirmar”, “alertar”, “anunciar”, “apontar”, “citar”, “concordar”, “considerar”, “declarar”, “destacar”, “dizer”, “esclarecer”, “explicar”, “expor”, “lembrar”, “mencionar”, “propor”, “ressaltar”, “salientar” etc, para dar maior credibilidade às notícias veiculadas, uma vez que introduzem as palavras do primeiro enunciador por meio de discurso indireto do relatante (narrador/locutor). (CABELLO, 1995, p.150)

É importante ressaltar que “é preciso não se estabelecer regras muito rígidas, posto que é necessário trabalhar a *criatividade* acima do preestabelecido” (CABELLO, 1995, p. 151). Pois o rádio é uma mídia bastante dinâmica. Nem mesmo a tipologia de programas deve ter muita rigidez, “uma vez que um programa pode ser, ao mesmo tempo, musical e falado, ao utilizar e combinar dois componentes: a música e a palavra, a canção e o radiodrama, quer dizer, ao utilizar e combinar a palavra cantada e a palavra falada” (CABELLO, 1995, p. 150).

3. OS GÊNEROS RADIOFÔNICOS

Devido à complexidade da noção de gênero e por estarmos nos apoiando para a classificação e definição dos gêneros veiculados pelo rádio em teorias da área da comunicação, nesta pesquisa, sem desmerecermos as grandes contribuições de Bakhtin para os estudos de gêneros, nos apoiaremos na concepção de gênero apresentada por Barbosa Filho (2009).

De acordo com Barbosa Filho,

os gêneros, relacionados à área de comunicação, podem ser entendidos como unidades de informação que, estruturadas de modo característico, diante de seus agentes, determinam as formas de expressão de seus conteúdos, em função do que representam num determinado momento histórico. Concepção [...] de fundamental importância para pensarmos os gêneros no rádio. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 61)

Diversos pesquisadores de várias áreas do conhecimento, não apenas da área de comunicação, têm se dedicado ao estudo dos gêneros radiofônicos por corresponderem a uma representação concreta da dinâmica da programação do rádio. Na busca pela compreensão dessa realidade da organização dos programas veiculados pelo rádio, torna-se relevante a abordagem conceitual de alguns termos que favorecem a compreensão da noção de *gêneros radiofônicos*. Nesse sentido, a definição de termos como *gênero radiofônico*, *formato radiofônico*, *programa de rádio*, *programação radiofônica* e *produtos radiofônicos* precisam ficar evidentes para evitar que sejam confundidos e utilizados como equivalentes durante as discussões sobre os gêneros que compõem a programação radiofônica.

Para Barbosa Filho (2009), faz-se relevante, principalmente, a distinção entre gênero radiofônico e formato radiofônico para que sejam compreendidos e classificados de forma adequada. Nessa perspectiva, esse autor afirma que

Importante esclarecimento deve ser realizado sobre este trânsito conceitual, tendo em vista a demarcação de fronteiras entre *gênero radiofônico* e *formato radiofônico* e suas devidas posições no universo da programação sonora, incluindo-se o de *programa de rádio*, *produto radiofônico* e *programação radiofônica*. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71, grifo do autor)

Os *gêneros radiofônicos* correspondem a uma classificação mais ampla e geral visando atender às expectativas dos ouvintes. Enquanto os *formatos radiofônicos* apresentam um caráter mais restrito da mensagem produzida pelo rádio e se constituem como modelos que podem incorporar programas desenvolvidos no interior dos variados tipos de gêneros radiofônicos.

O *programa de rádio* ou *produto radiofônico* constitui-se como um “módulo básico de informação radiofônica, reprodução concreta das propostas do formato radiofônico, que obedece a uma planificação e a regras de utilização de elementos sonoros” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71). Já a programação radiofônica pode ser definida como um grupo de “programas ou produtos radiofônicos apresentado de forma seqüencial e cronológica” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 71).

No que tange aos estudos sobre os *gêneros radiofônicos*, a maioria dos teóricos se dedicam apenas à compreensão dos gêneros jornalísticos. Diante disso, faz-se relevante a apresentação da divisão de *gêneros radiofônicos* citada por Faus Belau (1973). De acordo com esse autor, os gêneros jornalísticos se dividem em quatro tipos, sendo eles:

- *informação*: tem como finalidade a notícia e a reportagem com o intuito de manter o ouvinte informado dos acontecimentos relevantes na sociedade;
- *documentação*: tem como pretensão emitir informações de cunho cultural, instruir e educar o ouvinte;

- *criação*: objetiva conseguir a uma obra de arte dentro do meio;
- *entretenimento*: busca entreter o ouvinte e servi-lhe de companhia.

Kaplun (1978) também contribuiu significativamente para a classificação dos gêneros radiofônicos, dividindo-os em 12 gêneros distintos:

- *locução ou comunicação*: divide-se em expositiva, crítica e testemunhal;
- *noticiário*;
- *nota ou crônica*;
- *comentário*;
- *diálogo*: pode ser diálogo-didático, radioconselho ou consultório;
- *entrevista informativa*;
- *entrevista*;
- *radiojornal*;
- *radiorrevista, miscelânea ou variedades*;
- *mesa-redonda*: divide-se em mesa-redonda propriamente dita, debate ou discussão;
- *radioreportagem*: pode ser com base em documentos vivos, com base na reconstrução de fatos, relato com montagens;
- *dramatização*: divide-se em unitária, seriada, novela.

Barbosa Filho (2009, p. 89), com base na classificação de gêneros jornalísticos proposta por Melo (1992), apoiado no esquema funcional de Lasswell e Wright, propõe uma classificação para os gêneros radiofônicos vislumbrando a funcionalidade de cada deles a partir das expectativas do ouvinte. Desse modo, elenca-os em: *jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e especial*.

O gênero jornalístico é “um instrumento que dispõe o rádio para atualizar seu público por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. Os seus relatos podem possuir características subjetivas do ponto de vista dos conteúdos” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 89), tendo a possibilidade de incluir opiniões individuais aos fatos expostos para o ouvinte.

O gênero educativo-cultural corresponde a

[...] uma das colunas de sustentação da programação radiofônica nos países desenvolvidos. No Brasil é quase totalmente encoberto no cenário de possibilidades do rádio nacional. A comercialização e conseqüente banalização dos conteúdos dos programas radiofônicos da atualidade não propiciam a

criação de projetos que visem instruir e educar por meio do veículo de massa mais popular e de maior penetração na sociedade brasileira. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 109)

Esse tipo de gênero, quando usado adequadamente, é de grande utilidade para a população, uma vez que pode auxiliar as pessoas no exercício da sua cidadania numa nação onde possui um déficit no atendimento a demandas básicas, como a aquisição de um registro civil (cf. BARBOSA FILHO, 2009, p.110).

O gênero de entretenimento, que durante um grande período foi considerado de pouca relevância por ter como característica principal a diversão, atualmente tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores e despertado o interesse de muitos profissionais. Para Barbosa Filho

As características deste gênero ligam-se ao universo do imaginário, cujos limites são intangíveis e causam proximidade e empatia entre a mensagem e o receptor que não podem ser desprezados, sob o preço cruel da perda de contundência na transmissão dos significados de uma determinada informação para o público. (BARBOSA FILHO, 2009, p.113)

Quando comparado com os outros gêneros radiofônicos, o gênero de entretenimento destaca-se por se capaz de contemplar mais profundamente a linguagem do rádio. É um gênero que apesar de fazer parte de uma mídia destinada a uma coletividade, consegue alcançar cada ouvinte individualmente. Além disso, permite uma aproximação entre a mensagem transmitida e o seu destinatário. Pois a mensagem é organizada e produzida conforme as especificidades e expectativas de audiência dos ouvintes. Nessa perspectiva, Barbosa Filho (2009) equipara o entretenimento à própria linguagem do rádio, evidenciando que suas contribuições vão desde o real ao ficcional.

Já o gênero publicitário ou comercial caracteriza-se pela utilização do espaço radiofônico para a comercialização de produtos e serviços. Devido a isso, durante muito tempo, o rádio exerceu a importante função de “[...] cenário de experiências vitoriosas, por meio de peças radiofônicas publicitárias” (BARBOSA FILHO, 2009, p.122).

Quanto à veiculação do gênero propagandístico, o rádio se apresenta como um meio de comunicação que mais tem veiculado propagandas neste século. Porém, algumas vezes, as propagandas têm revelado um caráter perigoso.

Para Pinho, a propaganda pode ser definida como “[...] o conjunto de técnicas e atividades de informação e persuasão destinadas a influenciar, num determinado sentido, as opiniões, os sentimentos e as atitudes do público receptor” (PINHO, 1990, p. 22). Diante disso, o rádio se constitui como um meio de propagação de ideias, ideais, crenças, princípios, ideologias e doutrinas que, através dos formatos propagandísticos, busca alcançar a sua finalidade que é influenciar as atitudes coletivas.

Outro gênero radiofônico apresentado por Barbosa Filho é o gênero de serviços ou produtos radiofônicos de serviço que correspondem a “[...] informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 134-135). Esse gênero se aproxima dos gêneros jornalísticos por ser o suporte da sua programação e ter uma vida curta, uma vez que busca acompanhar a transitoriedade e dinamicidade dos fatos.

Para finalizar, o autor discorre sobre o gênero especial que, diferentemente dos outros gêneros, comporta diversas funções simultâneas. Com o objetivo de definir esse gênero, o referido autor o classifica de especial por conta do seu formato que não apresenta uma função específica como ocorre com os demais gêneros, “mas, sim, apresenta várias funções concomitantes. A este formato *híbrido* resolvemos atribuir para efeito classificatório a terminologia *especial*, incluindo-o num gênero multifuncional. (BARBOSA FILHO, 2009, p. 138, grifo do autor)

Esses tipos de *gêneros radiofônicos* propostos por Barbosa Filho (2009) englobam alguns formatos presentes na programação radiofônica, como evidenciamos abaixo:

- *Jornalístico*: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, debate ou mesa-redonda, programa policial, programa esportivo, documentário jornalístico e divulgação tecnocientífica.
- *Educativo-cultural*: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural, programa temático.
- *Entretenimento*: programa musical, programação musical, programa ficcional.
- *Publicitário*: espote, jingle, testemunhal, peça de promoção.
- *Propagandístico*: peça radiofônica de ação pública, programas eleitorais, programa religioso.
- *De Serviço*: notas de utilidade pública, programete de serviço, programa de serviço.
- *Especial*: programa infantil, programa de variedades.

Os *gêneros radiofônicos* representam a realidade dinâmica da programação do rádio e tem como funções primordiais, além de atualizar a população sobre os acontecimentos, distrair, ensinar, vender, mostrar ideias e prestar serviço à comunidade. Tem o jornalismo como uma das suas bases de apoio, a partir da veiculação de notícias, reportagens, notas, entre outros. Isso evidencia a relação de interação entre o rádio e o jornal que se dá “[...] de tal forma que há quem considere o rádio apenas como veículo de divulgação dos acontecimentos” (BARBOSA FILHO, 2009, p. 88).

É importante destacarmos que, como lembra Consani (2007), existem várias tipologias para os gêneros que circulam no rádio, havendo, na verdade, um consenso apenas para a nomenclatura *gêneros radiofônicos*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, as transmissões radiofônicas podem ser ouvidas desde um simples walkman a um sofisticado aparelho celular; até através da internet. Dentre tantos outros, é mais um instrumento de comunicação à disposição dos cidadãos.

Como exposto neste trabalho, por apresentar um estilo “oral-auditivo”, o texto veiculado através das ondas do rádio se organiza de maneira bastante diferente dos textos impressos, pois é construído para ser falado e tem apenas uma chance de ser ouvido. Por isso, possui uma linguagem bem peculiar para alcançar o seu ouvinte.

As programações do rádio apresentam uma organização bastante complexa por comportar uma diversidade de gêneros radiofônicos (textuais) ou textos radiofônicos. Mas, como lembramos neste trabalho, não existe apenas uma classificação para os gêneros radiofônicos, o que há de consenso entre os teóricos que apresentam classificações dos textos radiofônicos é apenas a denominação *gêneros radiofônicos*.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. Os gêneros discursivos. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- Barbosa Filho, A. 2009. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2009.
- Cabello, A. R. G. **Construção do texto radiofônico**: o estilo oral-auditivo. *Alfa*, São Paulo, 1995.
- Cabello, A. R. G. Organização do texto radiofônico: coesão e coerência. *Alfa*, São Paulo, 1994.
- Cabello, A. R. G. A expressão verbal na linguagem radiofônica. In: Del Bianco, N.; Moreira, S. V. (Orgs.). **Rádio no Brasil**: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- Consani, M. **Como usar o rádio na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.
- Faus Belau, A. **La rádio**: introducción a un medio desconocido. Madrid, Guadiana, 1973.
- Ferrareto, L. A. **Rádio**: veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Suzzato, 2001.
- Gomez, A. M. **O rádio e a publicidade**: modelos de negócio do rádio no Brasil. Dissertação (Mestrado). Universidade São Marcos, São Paulo, 2007.
- Kaplun, M. **Producción de programas de radio**: el guión – la realización. Quito: Ciespal, 1978.
- Kopplin, E.; Ferrareto, L. A. **Técnica de redação radiofônica**. Porto Alegre: Sagra, DC Luzzatto, 1992.

Otrivano, G. S. **A informação no rádio:** os grupos no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

Pinho, J. B. **Propaganda institucional:** usos e funções da propaganda em relações públicas. São Paulo: Summus, 1990.

Salinas, F. **O som na telenovela:** articulações som e receptor. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1940.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**